



## Apresentação

Espaço de discussão e reflexão sobre as representações visuais da Amazônia, assim foi a I Mostra Amazônica do Filme Etnográfico, realizada em Manaus, de 01 a 07 de dezembro de 2006, pelo Núcleo de Antropologia Visual da Ufam – NAVI e o Centro Universitário do Norte – UniNorte.

Como resultado desse encontro de cineastas, antropólogos e público interessado nas imagens dos povos amazônicos nasceu este número especial da revista SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos, do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Ufam.

A partir dos debates e depoimentos registrados, das entrevistas com cineastas premiados e da recuperação de um documento histórico - a longa entrevista “A aventura de fazer cinema na Amazônia”, datada de 1987 - este número especial agrega um conjunto importantíssimo de conhecimentos sobre a relação imagem e antropologia, Amazônia e filme etnográfico, memória e imagem, ao mesmo tempo que oferece subsídios para os estudos acadêmicos, seja na pós-graduação ou como entre os estudantes da graduação, ou qualquer outro interessado.

As discussões sobre a relação entre antropologia e imagem vêm de longa data, mas foi a partir da década de 80 do século passado que a Antropologia Visual fortalece-se no mundo acadêmico e passa a ter presença em mostras e festivais. A narrativa etnográfica encontra na imagem em movimento um meio privilegiado de expressar o encontro com o outro, esse diálogo de alteridades tão buscado e dificilmente realizado. A câmera fotográfica e cinematográfica, entretanto, exige conhecer essa nova linguagem.

O filme etnográfico parece ser o caminho, a ponte para a travessia: do extrativismo/coleta de imagens, que certos documentários ainda praticam, à construção do diálogo na convergência de olhares que traduza a busca de uma linguagem amazônica, esteticamente mais sofisticada e mais universal.

A I Mostra Amazônica do Filme Etnográfico possibilitou, no Norte do país, iniciar esse encontro de diálogos, um encontro de culturas, através de duas línguas reconstruídas dos escombros do colonialismo e da globalização, que nos *bermanam* e fortalecem na busca de uma identidade comum. Os filmes da Bolívia, Venezuela, Colômbia e Peru que chegaram até nós dão a conhecer que a mesma realidade é vivida, e captada, em espaços diferentes.

As imagens dos pioneiros da imagem cinematográfica na Amazônia brasileira, Silvino Santos e major Thomaz Reis, da Comissão Rondon, revelam mundos em





mutação. Múltiplos e diferentes mundos coexistindo e repelindo-se, mitos e conflitos, vida e morte de um tempo misterioso. Imagens reais, realidade imaginada... A região se prestou, no início, muito mais a um cinema documentalista do que ficcional, uma bem sucedida relação entre turismo e imagem; quase sempre um cinema fantástico, às vezes etnográfico, que acabou mais por encobrir que revelar a realidade amazônica.

“No paiz das amazonas” (1922), a obra-prima de Silvino Santos, constitui o primeiro longa-metragem inteiramente rodado no Amazonas e o mais expressivo documento visual da Amazônia brasileira dos anos 20. É um filme amplamente revelador, ideologicamente ocultador, tecnicamente perfeito, obra-prima de um artista genial identificado com as idéias e a dinâmica de seu tempo.

Nem só do fantástico, porém, viveu o cinema na região. Um outro olhar revelou uma realidade oculta, um mundo em transformação. A voz da Amazônia dos anos 70 do século passado é de lamento, agonia. As imagens expõem verdadeiras chagas: o massacre de povos milenares, a devastação da paisagem, a destruição de antigos modos de vida, racionais e harmônicos, o fim de uma relação amorosa entre homem e natureza. Uma luta renhida entre o mito do Brasil Grande e Moderno contra o Verde e o Imaginário.

Do embate, homens como Chico Mendes e povos como os Yanomami revelaram-se aos olhos das câmeras cinematográficas. Suas lutas e seus feitos abriram a passagem para o Terceiro Milênio, que pode anunciar-se mais generoso porque mais solidário, mais sábio porque mais dialógico. Os povos amazônicos, destinados a morrer como os demais seres vivos da floresta, hoje são vozes e figuras fortes, que empunham eles próprios as máquinas de capturar imagens e almas e filmam seus irmãos, seus parentes, povos da luta e dos banquetes, revelando o verdeverdade, sofrimentos e esperanças, desvelando essa mata/mater dolorosa, que chora por seus filhos, como chorou a árvore da fortuna para alimentar os sonhos e as fantasias do Eldorado.

Uma certa produção realizada nas últimas décadas permite-nos viajar por um rio de imagens, por muitos pouco navegado, imagens que apresentam a diversidade de visões sobre a Amazônia. Dos pioneiros cinegrafistas que documentaram o *hinterland* e os povos indígenas – Silvino Santos, Thomaz Reis, Roquette-Pinto, Lévi-Strauss, Noel Nutels, Heinz Forthmann, entre outros – aos atuais cineastas do vídeo nas aldeias – Vincent Carelli, Dominique Gallois, Virgínia Valadão, Kasiripinã Waiãpi, Isaac Pyiãko, Zezinho Yube, Benjamin Katukina, Joaquim





Yawanawa- passando pelas corajosas e denunciadoras filmagens de Adrian Cowell, Jorge Bodansky, Murilo Santos, Hermano Penna e Aurélio Michiles, descortina-se um mundo de imagens que iluminam a rica complexidade humana e ecológica da região e nos conduzem a portos de saberes que poderão vir a restabelecer um diálogo antigo, há muito interrompido, entre natureza e humanidade, a tecer novas redes de comunicação e a construir um novo encantamento do mundo.

A Mostra Competitiva, as mostras paralelas de obras realizadas na Amazônia, os filmes de Jorge Bodanzky, filmes etnográficos clássicos, como os de Jean Rouch, possibilitaram apresentar um panorama da produção recente de imagens sobre a região, discutir a representação da Amazônia no cinema documentário e etnográfico e, assim, criar um espaço, ainda inédito em nossa região, para a difusão, discussão e diálogo entre produtores e pesquisadores do cinema documentário e etnográfico realizado na e sobre a Amazônia.

Longe de ser um evento isolado, a Mostra Amazônica do Filme Etnográfico faz parte de um projeto maior desenvolvido pelo Núcleo de Antropologia Visual – NAVI/Ufam. Nascido no âmbito do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/ICHL, o NAVI é um núcleo de estudos institucionalizado junto ao Diretório de Pesquisas do CNPq que reúne professores, pesquisadores e estudantes interessados nos estudos das imagens. Dentre seus objetivos estão a catalogação e preservação do acervo audiovisual sobre a região, bem como o incentivo ao debate e à produção científica através da análise dos sistemas visuais utilizados na construção das identidades e das representações culturais das sociedades e da utilização da produção visual como meio de reflexão e conhecimento da diversidade sociocultural.

Neste número especial, os leitores de SOMANLU encontrarão as principais contribuições registradas durante esse evento, além das que foram acrescentadas posteriormente. Assim, depoimentos e reflexões dos Fóruns de Debates, entrevistas com os realizadores premiados, artigos de membros do NAVI e dos professores de cursos e oficinas – um ensaio fotográfico do antropólogo e fotógrafo Fernando de Tacca – além da reedição da entrevista histórica realizada com Cosme Alves Netto em 1987, perfazem o conteúdo desta edição, que traz ainda, ao final, para os que não puderam estar presentes ao evento, uma síntese de sua programação.





A chancela da Associação Brasileira de Antropologia – ABA e do seu GT – Antropologia Visual garantem a certeza de estarmos realizando atividade de rara importância para o Amazonas e países vizinhos.

Agradecemos à Fapeam, à Petrobrás, ao SESC/AM, à UniNorte, à TV Ufam e à Secretaria Municipal de Cultura, por propiciarem este evento. Em especial, ao Secretário de Cultura da Prefeitura de Manaus, Sebastião Assante, pelo patrocínio na edição e publicação deste número especial.

Queremos também registrar nossos agradecimentos aos estudantes e amigos que colaboraram na transcrição dos registros dos debates do evento: Khemerson Melo, Marco Antonio Brito e Ed Lincon.

Com este número, esperamos ter contribuído para a ampliação de uma cultura cinematográfica na região, ainda incipiente pela ausência de cursos de audiovisual nas universidades e ausência de antropólogos interessados em imagens visuais, ter contribuído para ampliar os olhares sobre nós mesmos e formar novos comunicadores culturais.

Selda Vale da Costa  
Coordenadora do Navi/Ufam e da  
I Mostra Amazônica do Filme Etnográfico

